
Provided for non-commercial research and education use.

Not for reproduction, distribution or commercial use.

Eduardo Lourenço, leitor de António Sérgio ou duas concepções de ensaísmo

Lima, João Tiago

Pages 57-64

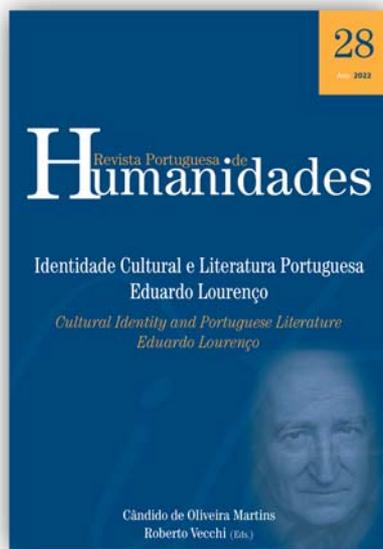
28, Issue 1-2, 2024

DOI [10.17990/RPH/2024_28_1_057](https://doi.org/10.17990/RPH/2024_28_1_057)

Your article is protected by copyright © and all rights are held exclusively by *Aletheia – Associação Científica e Cultural*. This e-offprint is furnished for personal use only (for non-commercial research and education use) and shall not be self-archived in electronic repositories. Other uses, including reproduction and distribution, or selling or licensing copies, or posting to personal, institutional or third party websites are prohibited.

If you wish to self-archive your article, contact us to require the written permission of the RPH's editor. For the use of any article or a part of it, the norms stipulated by the copyright law in vigor are applicable.

Authors requiring further information regarding *Revista Portuguesa de Humanidades* archiving and manuscript policies are encouraged to contact:
aletheia.ffcs@ucp.pt



Eduardo Lourenço, leitor de António Sérgio ou duas concepções de ensaísmo

Eduardo Lourenço, Reader of António Sérgio, or Two Conceptions of Essayism

JOÃO TIAGO LIMA

Departamento de Filosofia da Universidade de Évora; Praxis – Centro de Filosofia, Política e Cultura

✉ jtpl@uevora.pt

 <https://orcid.org/0000-0002-6428-1425>

Abstract

This article explores the intellectual relationship between Eduardo Lourenço and António Sérgio, two pivotal figures in 20th-century Portuguese thought. Despite the generational and ideological gaps between them, Lourenço engaged critically with Sérgio's ideas, particularly his rationalist philosophy and concept of essayism. Focusing on key texts such as "Ideology and Dogmatism" and "Sérgio as a Cultural Myth," the article examines Lourenço's critique of Sérgio's uncritical confidence in reason and contrasts their distinct approaches to essayism. It also highlights how their differing perspectives reflect broader tensions in Portuguese intellectual history.

Keywords: António Sérgio, Eduardo Lourenço, essayism, portuguese thought, rationalism.

I.

Eduardo Lourenço e António Sérgio são, certamente, duas das figuras mais importantes do pensamento português do século XX. Embora não tenham sido propriamente amigos, o que não é de espantar em virtude da distância de idades (Sérgio nasceu em 1883 e Lourenço quarenta anos depois, ou seja, em 1923), a verdade é que os seus caminhos se cruzaram por diversas vezes. Por exemplo, em 1946, quando estava em Coimbra, Eduardo Lourenço dirigiu ao autor de *Ensaio* um convite para que este colaborasse com uma reflexão acerca da chamada *Filosofia Portuguesa* nas páginas da revista ... *Vértice*. António Sérgio respondeu pronta e simpaticamente e é até possível dizer-se que as relações pessoais entre os dois homens eram então, senão próximas, pelo menos cordiais, como se constata na carta

que Sérgio enviou a Lourenço em 1950 e que se encontra no espólio deste.

No entanto, importa recordar que, em 1949, Eduardo Lourenço já fizera uma pequena observação sobre o racionalismo de António Sérgio, num passo do capítulo “Europa ou o diálogo que nos falta” de *Heterodoxia I*, onde afirma, por um lado, que o movimento da *Seara Nova* constitui uma das raras exceções ao descaso que se verifica na cultura portuguesa relativamente à cultura europeia, e, por outro, que «o neocartesianismo de António Sérgio [não] adquiriu a maleabilidade suficiente para integrar certos aspectos do real (a criação artística, por exemplo)»¹. Esta curta declaração acerca do neocartesianismo de Sérgio – e que é, tanto quanto me é dado conhecer, a mais antiga referência de Eduardo Lourenço ao autor de *Ensaaios* – prenuncia uma distância entre os dois homens que, ainda assim, só será explicitada, pelo mais jovem, bastantes anos volvidos e em relação à qual não tenho notícia se houve, ou não, reação por parte de António Sérgio.

Ora, o intuito desta minha reflexão procura descortinar quais as razões pelas quais, sobretudo a partir dos anos Sessenta do século passado, Eduardo Lourenço decide por assim dizer afastar-se daquilo a que chama o *sergismo* e, mais importante, começa a dar conta dessa decisão em dois textos importantes: o primeiro constitui uma parte substancial do ensaio “Ideologia e Dogmatismo”, escrito com a data de março de 1966, e que aparece em *Heterodoxia II*, publicada no ano seguinte; o segundo é bastante mais conhecido e trata-se de “Sérgio como Mito Cultural: É o Autor de *Ensaaios* um Ensaísta?”, texto datado de Nice, 23 de Março de 1969 e publicado na revista *O Tempo e o Modo* no seu número 69-70, dado à estampa com a data de Março-Abril de 1969, mas que é provável que tenha chegado às mãos dos leitores um pouco mais tarde. De qualquer modo, se é possível que António Sérgio tenha lido “Ideologia e Dogmatismo” (embora eu não tenha notícia de tal acontecimento), a morte já não lhe permitiu ler “Sérgio como Mito Cultural”, redigido dois meses após o seu falecimento. Quase uma década volvida, este estudo será inserto na primeira edição do livro *O Labirinto da Saudade – Psicanálise Mítica do Destino Português*. Posteriormente, Eduardo Lourenço dedicou a António Sérgio mais dois ensaios, a saber: “António Sérgio e o estatuto da Razão”, publicado na revista do jornal *Expresso* a 10 de setembro de 1983, e “A crítica como mitologia”

1. Eduardo Lourenço, *Obras Completas, vol. I Heterodoxias* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011), 47.

que apareceu na revista *Pública* do jornal *Público* a 20 de outubro de 1996. São estes quatro textos que merecerão doravante a nossa atenção.

Não deixa de ser significativo que o primeiro destes quatro escritos – e o único que foi publicado em vida de António Sérgio –, isto é, “Ideologia e Dogmatismo”, seja antes de mais (na parte em que se foca no chamado sergismo) uma leitura crítica do livro de Vasco de Magalhães-Vilhena, *António Sérgio – O Idealismo Crítico e a Crise da Ideologia Burguesa*, obra que merece diversos reparos de Eduardo Lourenço. Só que, no meio desses reparos, o leitor de *Heterodoxia II* encontra uma série de considerações que são explanadas sobre o próprio António Sérgio ou, talvez melhor, sobre o que aí se chama sergismo. Daí estas frases: «Uma discussão séria do ensaio do Doutor Magalhães Vilhena supõe, ao mesmo tempo, uma discussão séria do sergismo. Ora, a verdade é que o *sergismo* vive entre nós como um *mito*»².

Em que consiste esse mito? Desde logo, no facto de António Sérgio assimilar Crítica e Razão naquilo a que Eduardo Lourenço chama «auténtica pregação, missionação (...) implícita nessa retórica sergista da Razão»³. Esta tese será desenvolvida mais tarde nos outros estudos dedicados a António Sérgio, designadamente no artigo publicado por Eduardo Lourenço no *Expresso*, já em 1983, onde se pode ler o seguinte: «Não é sem algum assombro que se percorrem as páginas em que António Sérgio se estabelece aos nossos olhos como evangelista da Razão enquanto exercício crítico permanente»⁴. Desta constatação lourenciana decorre não, como é óbvio, uma defesa do irracionalismo ou um ataque ao espírito crítico. Pelo contrário. Logo em 1967, Eduardo Lourenço reconhece que «não há que assacar à alta figura de António Sérgio a sua incansável batalha em prol de mais espírito crítico, de mais ordem racional. Jamais a luz será em excesso»⁵. O problema está noutro lugar. Segundo Eduardo Lourenço, «a Razão sergiana não tem sombra»⁶. É que o racionalismo de António Sérgio, embora terminologicamente inspirado na gnoseologia de Kant, não leva até às últimas consequências o programa kantiano. Com efeito, ainda segundo Eduardo Lourenço, «a razão sergiana exclui por natureza a hipótese mesma de uma qualquer crítica da Razão enquanto interrogação acerca dos poderes que a si mesma

2. Ibid., 341.

3. Ibid., 342.

4. Eduardo Lourenço, “António Sérgio e o estatuto da Razão”, *Expresso-Revista*, Lisboa (10/IX/1983): 22.

5. Lourenço, *Heterodoxias*, 341.

6. Lourenço, *Expresso-Revista*, 22.

se outorga»⁷. Por outras palavras, duvidando metodicamente de tudo o que se lhe apresenta, a Razão sergiana nunca duvida de si mesma, ou seja, da sua capacidade de destrinçar a luz das trevas. Ou ainda nas palavras de Eduardo Lourenço: «a figura da Razão, segundo Sérgio, parece fora de toda a contestação»⁸. Por isso, «Sérgio ensina (...), mas em parte alguma *aprende*, senão com a ideal Razão que é já luz e faculdade de luz, diante e através da qual toda a experiência se constitui»⁹.

Demarcando-se vincadamente de várias correntes filosóficas do seu tempo, a saber, o positivismo, o bergsonismo, o materialismo dialético, a filosofia de António Sérgio não é, no entender de Eduardo Lourenço, propriamente original, pois está muito próxima do neokantismo. Ao mesmo tempo, António Sérgio concede à Razão o «poder radical de *construir* o Mundo, de *inventar* (...) a Verdade»¹⁰. Daí que Eduardo Lourenço avance a seguinte interpretação de António Sérgio: «Mais platónico do que Platão, mais cartesiano do que Descartes, mais kantiano do que Kant, o autor dos *Ensaio*s confunde cientemente a atividade da Razão com a do puro Entendimento, com a faculdade de julgar, que por sua vez não é a de subsumir conceitos segundo a clivagem ‘realística’ da compreensão e da extensão mas de estabelecer relações e relações de relações sem outro critério que o da coerência interna, como é o caso paradigmático do conhecimento matemático»¹¹. Ora, é este hiper-racionalismo que, no entender de Eduardo Lourenço, põe tudo em dúvida, submete tudo ao exame crítico, mas não desconfia de si mesmo.

O que o criticismo de António Sérgio patenteia, pelo contrário, é uma confiança inabalável no poder dubitativo da Razão que aparenta ser capaz de tudo pôr em causa, mas que não manifesta a mais leve suspeita sobre o modo como o faz. Ou, se se preferir, a dúvida sergiana não duvida de si mesma. Desde logo, porque para António Sérgio a razão é «ontologicamente crítica, ao mesmo tempo luz original e laser do Espírito, para empregar uma metáfora que não é do tempo dele. A bem dizer, o alcance exato do pensamento kantiano que foi o de fundar uma filosofia da finitude, ‘criticando’ a razão como horizonte e lugar de um discurso de verdade em sentido

7. Ibid.

8. Eduardo Lourenço, *Obras Completas, vol. XIII, O Labirinto da Saudade e Outros Ensaio*s sobre a *Cultura Portuguesa* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2023), 187.

9. Ibid.

10. Lourenço, *Expresso-Revista*, 22.

11. Ibid.

transcendente (metafísico) não impediu Sérgio de conferir à mesma Razão um estatuto que, em última análise, pela função que lhe assinala e até pelo papel hegemónico que lhe atribui no processo do conhecimento, já pouco tem de kantiano»¹².

Como explicar, então, o prestígio do sergismo no quadro do pensamento português? Antes de mais, pela postura ética do cidadão António Sérgio, cuja exemplaridade ninguém ousa discutir, muito menos Eduardo Lourenço que, como comecei por referir, tinha sincera admiração pessoal pelo autor de *Ensaaios*.

Filosófica e eticamente, poucos dos nossos pensadores deste século [do século XX, entenda-se] merecerão, como o autor de *Ensaaios*, o rótulo de idealista. Pela sua atitude ética – no que isso significa de coerência em matéria de princípios, quase se pode dizer, de puritanismo – outros atores da nossa vida pública e cultural podem ser tidos como paradigmas de uma postura idealista na vida. Mais raro é que esse idealismo ético tenha sido assumido como a consequência, quer no plano político quer no social, de uma conceção filosófica claramente reivindicada e exposta durante toda uma vida com uma constância e uma coerência quase militantes¹³.

II.

Numa carta enviada ao seu amigo António José Saraiva, com a data de 2 de setembro de 1969, Óscar Lopes pronuncia-se num tom bastante acutilante sobre a interpretação que Eduardo Lourenço faz de António Sérgio. Vale a pena recuperar algumas parcelas desta relativamente extensa epístola e comentá-las:

Li o artigo do E. L. sobre o Sérgio. É incrível que gostasses daquilo. O E. L. escreve com uma elegância toda feita de esquecimento do essencial: a crítica pertinente não adianta nada sobre a minha própria crítica de há muitos anos, reunida em *Ler e Depois*, com a diferença de se ficar em generalidades equivalentes a uma caricatura. Repara na diferença entre a minha crítica à gnoseologia e à estética do Sérgio (maniqueísmo inteligível-sensível, racionalismo pseudo-matemático, etc.), e a do E. L. É injusto sublinhar a filosofia sergiana em comparação com o seu ensaísmo de temática histórica

12. Ibid.

13. Eduardo Lourenço, “António Sérgio: a crítica como mitologia”, *Revista Pública de Público*, Lisboa (20/X/1996): 41.

portuguesa (incluindo histórico-literária) concreta. A ideia do “Reino Cadaveroso” seiscentista é frágil. Mas a tese sobre Ceuta e 1385 renovou toda a problemática da história portuguesa. Cortesão, no seu melhor, foi discípulo de Sérgio. Magalhães Godinho, Virgínia Rau, Borges de Macedo, Joel, tu e eu aprendemos com ele a pensar em português. O E. L. é um facundo divulgador de Kierkegaard e Heidegger. Não tem a centésima parte da originalidade do Sérgio. E, pior que tudo, ignora-o. Fala dele sem o ter lido, tal como o S. minimizou o Aquilino de que só leu dois ou três livros a correr, e tarde demais¹⁴.

Julgo que o essencial desta crítica de Óscar Lopes se cinge a dois aspetos. Por um lado, a falta de novidade da perspetiva de Eduardo Lourenço, dado que algumas das observações feitas por este ao ensaísmo sergiano já tinham sido avançadas anteriormente pelo próprio Óscar Lopes. Depois, e talvez seja possível descortinar uma certa contradição nestes dois aspetos, Óscar Lopes afirma que Eduardo Lourenço não tem originalidade e, pior, não leu António Sérgio. Creio que a razão de ser desta observação – cuja justiça me parece ser bastante duvidosa – terá a ver com o facto de Eduardo Lourenço nunca citar, no texto “Sérgio como mito cultural”, trechos do autor de *Ensaaios*, mas esse é um método de escrita que é muito usual em Eduardo Lourenço. Quanto à falta de originalidade atribuída ao autor de *Heterodoxias*, reduzido à dimensão de um facundo divulgador de Kierkegaard e Heidegger, também me parece excessiva, mas prende-se com um passo seguinte da carta que, pelo seu teor demasiado violento, não quero citar aqui na íntegra: «E sei muito bem aonde o E. L. quer chegar: é ao catolicismo, ao fideísmo irracionalista que não tem a coragem de confessar a máscara de palavreado existencialista de empréstimo»¹⁵.

A missiva termina com um último ataque a Eduardo Lourenço, com a seguintes palavras: «Desculpa o que nesta carta improvisada haja de amargo ou furioso. Franqueza é amizade e confiança. Dize-me também o que tiveres a dizer com toda a brutalidade. Há três dias que trabalho umas 14 horas por dia, como é de resto frequente, e vejo hoje pelos jornais que a campanha eleitoral começou, para o que tenho de arranjar, não sei como, muitas mais horas. É tão fácil ser E. L.!»¹⁶.

É verdade que estas considerações de Óscar Lopes acerca de Eduardo

14. António José Saraiva and Óscar Lopes, *Correspondência* (Lisboa: Gradiva, 2004), 222.

15. *Ibid.*, 223.

16. *Ibid.*, 222-223.

Lourenço ostentam algo de excessivo, facto que tem bastante a ver com a circunstância de se tratar de uma mensagem privada. Julgo que a crítica de Eduardo Lourenço a António Sérgio radica noutra plano, a saber: duas conceções diferentes de ensaísmo. Assim, gostaria de avançar a minha proposta de leitura recuperando a distinção – que já desenvolvi noutra lugar – entre ensaísmo crítico, que caracteriza o modelo de pensamento sergiano, e o ensaísmo-prefácio que ajuda a perceber melhor a especificidade da escrita lourenciana. Esta distinção é perfeitamente explicitada por um outro ensaísta, Eduardo Prado Coelho, por ocasião de um texto em que aproxima Eduardo Lourenço de João Barrento. Na verdade, escreve Eduardo Prado Coelho, «ao caracterizar o prefácio, João Barrento diz-nos que é quase sempre um texto que coloca o leitor à espera do livro, mas que não apenas cede a passagem, mas dá passagem ao livro em questão. Por isso o autor de prefácios não é somente aquele que anuncia – um anjo da anunciação –, mas também um especialista das passagens, dos limiares, dos umbrais. (...) Mas não se trata apenas de dar passagem, trata-se também de dar um texto ao autor do livro prefaciado (ou publicamente apresentado), na esperança de que, pelo facto de nós gostarmos do livro, ele goste do texto em que nós dizemos como gostamos. Por isso mesmo estamos diante de textos que excluem a solidão, na medida em que são textos feitos para acompanhar, e que às vezes se tornam de tal modo companheiros que já não os podemos separar uns dos outros»¹⁷.

Segundo, Eduardo Prado Coelho estas considerações assentam que nem uma luva no ensaísmo de Eduardo Lourenço. E estou muito tentado a concordar com essa aproximação. Ora, a postura de António Sérgio é completamente diferente. E é por isso que ele mesmo diz não ser um crítico literário. Deste modo, no prefácio da Segunda Edição do I volume dos *Ensaaios*, podemos ler o seguinte: «não formulo crítica literária alguma: faço-a só sociológica, – ou de pedagogia social, ou de história política: e que, por isso que o é, visa menos as obras que os seus adoradores políticos, quer dizer, os que as tomaram como Bíblias da sua própria seita, como lábaros representativos do seu próprio exército, – da sua seita política, do seu partido político, do seu exército político, e não literário»¹⁸. Dois pontos devem merecer aqui a minha atenção. Em primeiro lugar, a quase plácida separação entre o registo

17. Eduardo Prado Coelho, “Pela porta dos afectos”, Suplemento Mil Folhas de *Público* (21/III/2001): 15.

18. António Sérgio, *Ensaaios, Tomo I* (Lisboa: Sá da Costa, 1980), 13.

ideológico e político, por um lado, e o registo literário, por outro. Trata-se de uma simplificação que, em meu entender, não abona nem a favor do crítico político, como António Sérgio assumidamente se apresenta, nem a favor do crítico literário que ele recusa querer ser. Depois, interessa-me destacar toda a cadeia de metáforas que fazem da aproximação a qualquer matéria historiográfica, literária ou mesmo filosófica, um autêntico terçar de armas não tanto com essa matéria propriamente dita (ou com os seus protagonistas ou autores), mas sobretudo com aqueles que adotam a postura de partidários, ou seja, com aqueles que ocupam, digamos, um dos lados de uma das duas trincheiras de onde se arremessam argumentos polémicos. E, como sublinha ainda Eduardo Lourenço, «mesmo quando parece colocar-se diante das obras mesmas (Junqueiro, Nobre ou Antero) fá-lo de facto contra uma certa e pública opinião acerca de tais obras. O seu pendor polémico é tão radical que chega a suscitar rivalidades imaginárias que à primeira vista as obras não pediam»¹⁹. Correndo talvez o risco da hipérbole quase seria levado a parafrasear o próprio Sérgio, dizendo que aquilo que cada um lê nos autores depende daquilo que cada um deseja polemizar.

E quanto a Eduardo Lourenço? Não existe também no seu ensaísmo uma dimensão polémica? Ou seja, não estará por vezes o autor de *O Labirinto da Saudade* contaminado pelo que ele mesmo designa por sergismo? Certamente que sim, mas isso seria tema de uma outra reflexão.

REFERÊNCIAS

- Lourenço, Eduardo, “António Sérgio e o estatuto da Razão”, *Expresso-Revista*, Lisboa, 10/IX/1983: 22-23.
- Lourenço, Eduardo, “António Sérgio: a crítica como mitologia”, *Revista Pública de Público*, Lisboa, 20/X/1996: 40-41.
- Lourenço, Eduardo, *Obras Completas, vol. I, Heterodoxias*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.
- Lourenço, Eduardo, *Obras Completas, vol. XIII, O Labirinto da Saudade e Outros Ensaios sobre a Cultura Portuguesa*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2023.
- Prado Coelho, Eduardo, “Pela porta dos afectos”, *Suplemento Mil Folhas de Público*, 21/III/2001: 15.
- Saraiva, António José and Lopes, Óscar, *Correspondência*, Lisboa: Gradiva, 2004.
- Sérgio, António, *Ensaios*, Tomo I, Lisboa, Sá da Costa, 1980.

19. Eduardo Lourenço, *O Labirinto da Saudade e Outros Ensaios sobre a Cultura Portuguesa*, 184-185.